

“Duas Vezes Sem” e o Teatro de Invasão

“Duas Vezes Sem” and the Invasion Theater

Paulo Andrezio Sousa e SILVA¹

RESUMO

Duas Vezes Sem é um trabalho cênico que surgiu no Projeto de Pesquisa “Ocupações Artísticas da Cidade: o Teatro de Invasão em exercício”, na Universidade Regional do Cariri na cidade do Crato, Ceará. Partimos inicialmente da ideia de apropriação do espaço da Praça Alexandre Arraes (Praça Bicentenário) e arredores, motivados pelos estudos em torno da ideia de Invasão (CARREIRA, 2007, 2008) e construímos um espetáculo que teve sua estreia em novembro de 2018. Em 2019, o projeto tem como mote a produção e circulação do espetáculo na região do Cariri cearense, movimento que tem reverberado no pensamento sobre as cenas e, sobretudo alimentado as problematizações dos envolvidos no que tange à ideia de *site-specific* (SCHIOCCHET, 2011).

Palavras-chave: Teatro de invasão; Dramaturgia; Site-specific; Espaço urbano.

ABSTRACT

Duas Vezes Sem is a scenic work that emerged from the Research Project “Artistic Occupations of the City: the Invasion Theater in Action” at the Regional University of Cariri in Crato, Ceará. Initially we started from the idea of appropriation of the space of Alexandre Arraes Square (Bicentennial Square) and surroundings, motivated by the studies about the Invasion idea (CARREIRA, 2007, 2008) and built a spectacle that had its first run in november 2018. In 2019, the project works on the production and circulation of the spectacle in the Cariri Cearense’s region, an initiative that has reverberated in the thinking about the scenes and, above all, fed the problematization of those involved regarding the idea of *site-specific* (SCHIOCCHET, 2011).

Keywords: Invasion Theater; Dramaturgy; Site-specific; Urban space.

Processo Criativo

Diante de determinadas mudanças estruturais sofridas pelo Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri (URCA), o projeto Ocupações artísticas da cidade, no ano de 2018, passou a ocupar a Praça Alexandre Arraes² e entornos, situada na cidade do Crato, Ceará, reconfigurando a pesquisa. O trabalho ainda em processo partiu de três linhas³: a investigação das possibilidades da recepção teatral do público exógeno, ou seja,

¹ Crato: Universidade Regional do Cariri. Curso de Licenciatura em Teatro; Bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ; Orientação: Prof.^a Dr.^a Cecília Lauritzen Jácome Campos.

² Popularmente conhecida como Praça Bicentenário, local onde aconteceram pelo menos duas mortes no ano de 2018.

³ Conduzidas pelos estudantes bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC-URCA) Joelma Ferreira e Lucas Galdino.

de uma recepção que se dá via acidente⁴, porque o público transeunte da rua é pego de surpresa por manifestações artísticas de cunho teatral-performativo; a experimentação de possibilidades criativas cênicas colocando em relação o teatro de rua e o teatro dos sentidos⁵; o exercício de compreensão do Teatro de Invasão por meio de uma montagem que tomasse como base o trabalho no e com o espaço urbano.

O projeto “Ocupações artísticas da cidade: o Teatro de Invasão em exercício” integra a linha “Poéticas cidadinas” do grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Poéticas Artísticas – NIPA, vinculado ao CNPq. Tem como foco o estudo teórico-prático da noção de Teatro de Invasão, originalmente pensada pelo professor, encenador e pesquisador das artes cênicas André Luiz Antunes Netto Carreira⁶.

Pode-se dizer que o Teatro de Invasão tem considerável relevância dentro deste processo, uma vez que partimos do seu estudo teórico e o colocamos em nossa prática de pesquisa por meio da investigação do contexto histórico da praça e de seus entornos. A partir daí passamos a dialogar com espaços específicos da própria praça como um parque, algumas árvores e bancos, conseguindo nos afetar diretamente com os transeuntes ou ocupantes do espaço, percebendo como nosso corpo reagia com as modificações do cotidiano, do fluxo da rua, das pessoas, das chegadas e partidas que se modificam durante o processo de criação.

Conforme Carreira (2008, p. 71), essa prática busca “utilizar a lógica da rua, percebendo que o fluxo de energia dos usuários é fundamental na formulação das possibilidades de significação das performances teatrais invasoras”. Resolvemos então nos apropriar desta noção por meio de estudos teórico-práticos, com a ideia de pesquisá-la e investigá-la. Ao longo do processo começamos a entender que o teatro invasor não é aquele que chega em um determinado espaço com um roteiro já idealizado, ou que se

⁴ Esta linha estabelece relações diretas com a pesquisa de doutorado desenvolvida pela professora Cecília Lauritzen, cuja tese intitula-se “A recepção acidental: vias de leitura do teatro performativo urbano” (2018).

⁵ O teatro dos sentidos é uma prática desenvolvida no Brasil desde 1997 pela diretora teatral Paula Wenke. Seu estudo em relação ao espaço urbano pode-se dizer de caráter ainda inovador, porque desafia normas padronizadas de acesso da cidade.

⁶ Seu trabalho está muito relacionado com a noção de risco físico e invasão da silhueta da cidade. Formado em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília, se doutorou em teatro pela Universidad de Buenos Aires. Atualmente é professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) onde leciona no Programa de Pós-Graduação em Teatro (Mestrado/Doutorado) e coordena o Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES). É autor do livro “Teatro de Rua: uma paixão no asfalto” publicado pela Editora HUCITEC em 2007.

apropriada da rua apenas como cenografia. Sobretudo, entendemos que a noção de invasão nos ajudava a visualizar que os espaços possuem uma carga histórica.

O teatro de invasão em nossa pesquisa acrescenta de forma ímpar a dramaturgia do espaço em questão, fazendo-nos perguntar: Como e quando este espaço se conformou como tal? Quem são seus habitantes? Quem são as pessoas que passam por ali? Que histórias elas deixam? A morte faz parte da história contada sobre esta praça?

Em algumas buscas, entrevistas e derivas, tivemos a oportunidade de conversar com pessoas passantes, moradores, trabalhadores e ocupantes do entorno da praça. A partir dessas conversas nos concentramos nas seguintes perguntas: O que é permanente e passageiro na estrutura da cidade? Em termos históricos, geográficos, políticos, culturais por que alguns espaços são lembrados e outros esquecidos na cidade? Foi a partir dessas questões que começamos a compreender um pouco mais onde queríamos chegar, mas foi com as respostas destas pessoas que nos surgiram mais questões, somadas ao que já tínhamos de registros pelos noticiários, que nossos corpos começaram a se afetar pelo espaço daquela praça, despertando a criação para o trabalho.

A partir da mudança estrutural apontada anteriormente, resolvemos dividir o coletivo em duplas, cada uma deveria propor um módulo de um mês com exercícios que despertassem para a criação cênica, sempre abraçando como fundamento o espaço de trabalho. Alguns jogos propostos no primeiro semestre do ano de 2018 serviram para iniciarmos improvisações tanto individuais quanto coletivas, além do trabalho continuado com bastões de madeira que fazíamos concomitantemente como exercício de fortalecimento muscular, porém também de composição com a cidade.

A cada dia de pesquisa e investigação das cenas, percebíamos o quanto a dramaturgia do espaço nos modificava, enquanto automaticamente transformava a cena também, como uma forma de acordo entre o espaço e o nosso corpo, em um diálogo constante entre o que nos foi contado e as reações que nos foram causadas por estes acontecimentos.



Foto: Sâmia Ramare, 2018

Na tentativa de responder às perguntas citadas antes, junto com a investigação do espaço, os acontecimentos que foram presentes no período em que estivemos instalados na praça – como a morte de um rapaz no banco, e a morte de uma mulher em um outro banco na praça ao lado –, as entrevistas feitas com os transeuntes e ocupantes do entorno, chegamos ao ponto principal tratado na montagem intitulada *Duas vezes sem*⁷.

Nos aproximamos da ideia/temática da “morte”, pois na cidade a mesma pode ser vista como um destes elementos que é, por vezes, passageiro (banal) ou permanente (marcando determinados espaços e seus usos). O trabalho intitulado *Duas vezes sem* alimenta-se de uma dramaturgia que é construída com dados/notícias/histórias sobre os espaços ocupados, fragmentos textuais elaborados ou capturados pelos integrantes e relatos biográficos de pessoas do entorno.

Durante o processo contínuo da investigação permanecemos exercitando ativamente o debate interno e, concomitantemente, documentávamos nossas sensações e reações causadas no corpo, a partir do espaço da praça e entorno, sendo estas reações divergentes um do outro, ou não. Acreditamos que o registro processual foi e é importante para reflexões futuras acerca do trabalho desenvolvido.

A problematização da relação entre margem e centro é marcante no grupo, uma vez que o mesmo começou a trabalhar em 2017 em torno do projeto intitulado

⁷ O nome da encenação, bem como todo o processo, foi construído coletivamente e faz ligação direta com a praça onde estamos envolvidos no processo, a Praça Alexandre Arraes popularmente conhecida como “Praça Bicentenário”, como também com a ideia de “Duas solidões = a de quem parte e a de quem fica”.

“Ocupações artísticas da cidade: *centornos e entralidades*”. Nesse projeto buscávamos problematizar as delimitações espaciais na cidade que centralizam e marginalizam lugares e pessoas. Como rastro desse processo, a montagem conta com seis curtas cenas que aconteciam no entorno da Praça Bicentenário e logo em seguida no entorno de outras praças/lugares, as chamamos então de cenas derivas, uma vez que foram criadas a partir de exercícios de Deriva⁸.



Foto: Sâmia Ramare, 2018

O mais interessante é perceber o quanto a dramaturgia vai se modificando no decorrer dos dias, seja com os acontecimentos, ou com a forma que vamos nos afetando com eles. Existem algumas pessoas que passam, mas as suas histórias ficam. Um desses acontecimentos foi o assassinato de um rapaz que aconteceu em um banco localizado na praça em que estávamos trabalhando. Este banco e esse rapaz se tornaram parte de nossa história também, esse ato aconteceu após alguns dias que estávamos ocupando a praça, como apontamos na nossa própria dramaturgia, “uma bala na nuca, uma bala especial que estourou a cabeça inteira”. Dialogando na cena de forma indireta com este fato, por questões éticas, na tentativa de chamar atenção para este “tema” da violência na cidade, que por vezes (na maioria das vezes), é “invisibilizado”.

⁸ A Deriva é uma prática adotada do Movimento Situacionista, que prevê a interação com os espaços urbanos de modo contrário ao pressuposto pelas normas e planos urbanísticos.

Reunimos todas essas criações, improvisações, textos, histórias, e criamos um pré-roteiro, para que em uma sequência pudéssemos ensaiar. O mesmo ficou fixo por algumas semanas, até percebermos que a dramaturgia da rua está ali o tempo todo, pulsante, se renovando e dialogando conosco a todo o momento. Foi então que retomamos para novas investigações e acabamos descobrindo locais internos (sensações e reações para com os espaços) e externos (como a utilização do parquinho, áreas laterais da praça, árvores, postes) locais estes que ainda não tínhamos chegado.

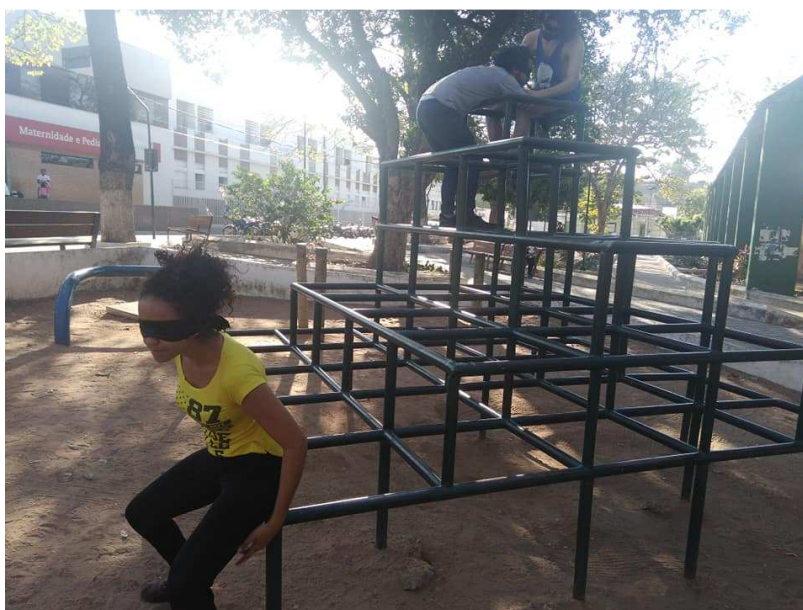


Foto: Sâmia Ramare, 2018

A partir dessas vivências, considerando que a ideia de invasão refere-se menos à ideia de subversão da lógica dos espaços da cidade, e mais a um nível de escuta e diálogo entre manifestação artística e vida urbana, Carreira (2010) diz que

[...] se a cidade é um texto dramático, uma encenação invasora será sempre lida como uma releitura da cidade. Ler a cidade como dramaturgia significa utilizar a lógica da rua percebendo que o fluxo de energia dos usuários é fundamental na formulação das possibilidades de significação das performances teatrais invasoras⁹.

A importância da utilização do Teatro de Invasão dentro deste processo foi e está sendo de imensa grandeza, pois conseguimos nos afetar diretamente com o espaço. Percebo o quanto a pesquisa e a investigação deste trabalho não se esgotam, e como é

⁹ Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/40287815/Andre-Carreira-A-Cidade-Como-Dramaturgia>
Acesso em 13 de out. 2018.

bom participar de todo o processo de criação e sentir no corpo reações reais do espaço que estamos trabalhando, e a cada dia além de sensações, são histórias nos atravessando a cada momento.

Circulação

Em 2019 tínhamos como propósito a circulação do espetáculo *Duas vezes sem*, deixando o local da Praça Alexandre Arraes (Praça Bicentenário), mas carregando conosco toda essência descoberta, coletada e construída por intermédio de toda sua história e dos que por ela transitam.

Em uma sequência cronológica, iniciamos a circulação habitando por um mês a Praça Antônio Leite Tavares conhecida como Praça do DETRAN. Neste período que percorreu os meses de fevereiro e março, buscamos trazer algo essencial/necessário que pudesse estar se desdobrando nesse outro lugar. E então nos questionamos: o que é necessário para que cada cena possa acontecer? Com essa questão, conseguimos encontrar além de uma modificação na sequência do roteiro, diversos desdobramentos, como o cruzamento de avenidas principais, o que ocasionou uma parada brusca do trânsito, um encontro frontal com o trem, e até mesmo a adaptação do parquinho da “Bicentenário” para um entrançado de elásticos vermelhos, e algo tão inesperado como o acelerador de uma moto puxado por um transeunte com seu farol ligado em direção a uma cena bem específica realizada por uma mulher – após a apresentação chegamos a comentar que a cena ganhou mais vida, queríamos contratar uma moto nas próximas apresentações, mas depois entendemos que o que aconteceu foi um diálogo direto e momentâneo entre a rua e o espetáculo.

De início sempre ficava uma questão: como vai ser possível a circulação deste espetáculo se nosso princípio foi a construção de uma dramaturgia a partir da história de um lugar diretamente ligada a ideia do *site-specific* (lugar-específico)¹⁰? O que me fazia muitas vezes não compreender os próprios ideais dos termos, mas a partir da circulação comecei a entendê-los na prática, no fazer, e esse meu pensamento foi ganhando outras

¹⁰ Gradativamente o grupo de pesquisa vem se aproximando da noção de arte *site-specific*. Conforme Schiocchet (2011), esta corrente surge na década de 60 para descrever o uso de espaços alternativos, como modo de oposição ao papel da instituição na arte. “A partir deste momento, diversas variações do termo surgem buscando definir de que forma esta arte perceberia e incidiria no espaço com o qual se relaciona” (SCHIOCCHET, 2011, p. 132).

formas, por perceber outras possibilidades, desdobramentos de uma maneira que expande as possibilidades, e não limitá-las.

O Teatro de Invasão, além de ser um princípio para uma construção dramatúrgica a partir da historicidade dos lugares, conforme Carreira também pode ser entendido como “[...] formas espetaculares que não se contentam com estar na rua, mas procuram incorporar no funcionamento da cena os fluxos da rua, ou por outro lado, subverter estes fluxos fabricando rupturas dos ritmos cotidianos” (2008, p. 69).



Foto: Daniela Alves, 2019

E dessa maneira seguimos, entendendo esse local da ruptura ainda como uma forma de se infiltrar no fluxo da cidade, ou seja, em nenhum momento ignorando-o, mas tornando-se parte dele.

Após a efetivação da apresentação na Praça do DETRAN, partimos em destino à Encosta do Seminário¹¹. Neste local percebendo o fluxo intenso e veloz das pessoas, elaboramos um desdobramento do espetáculo *Duas vezes sem* e intitulamos como uma ação-performativa chamada *Rastros*. Estabelecemos uma sequência de ações como: amarrar cordões vermelhos em volta do parquinho, colar lambes por um espaço

¹¹ Encosta do Seminário é um espaço em formato de calçada localizada no bairro Seminário, na cidade do Crato, Ceará, em que nele existe um fluxo contínuo de pessoas ocupantes – vendedores, moradores/vizinhança, profissionais esportivos e artísticos –, como também os transeuntes.

estabelecido, estourar uma bolha com tinta em alguma parte do corpo e cair. Essa foi nossa segunda apresentação realizada a partir do projeto de circulação¹².



Foto: Daniela Alves, 2019

A terceira apresentação aconteceu ainda na cidade do Crato, sendo iniciada no largo da RFFSA e finalizando na Praça Cristo Rei, no centro da cidade. Durante essa apresentação ocorreu a participação de um espectador que eu gostaria de pontuar. Lembro-me da cena final do espetáculo, quando entramos com um carrinho de mão fechado, na cor preta, cuja frente possui um furo em que um dos intérpretes aparece sendo arrastado dentro, apenas com sua cabeça para fora. Nesse momento começamos a acender velas e servir uma comida – carne cozida com cuscuz. Um dos espectadores fez uma transmissão ao vivo com seu celular em uma determinada rede social, mostrando e falando para todos que tudo aquilo era teatro, focando na questão das mortes, no momento político atual, enquanto mostrava toda cena final.

¹² O projeto de circulação intitulado “Ocupações Artísticas da Cidade: Duas Vezes Sem em circulação” encontra-se em andamento e tem apoio de uma bolsa da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Regional do Cariri.



Foto: Daniela Alves, 2019

Esse acontecimento pontual me fez refletir imensamente sobre como conseguimos tocar as pessoas, não apenas de uma maneira física, mas de uma forma sensível, que faz pensar e principalmente refletir sobre os seus lugares, a existência e sobre a própria vida.

Por fim, a última apresentação do primeiro semestre de 2019 aconteceu na Praça da Batateira, no bairro da Batateira, Crato. Assim como em todas as praças, foi necessário notar em um primeiro momento, por meio de observações, como acontece o fluxo desses locais, uma vez que conseguimos de certa forma perceber que os lugares e ambientes se modificam em um tempo indeterminado, tornando-se relativo para a própria expectativa do acontecimento teatral, tornando-o dinâmico e carregado de novas conformações, onde as pessoas se reúnem, transitam, comportam, etc.

Esta apresentação aconteceu como parte da programação da III Reunião Artístico-Científica do Grupo de Trabalho Artes Cênicas na Rua, da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE). Sem dúvida alguma essa foi a apresentação que tivemos um contato mais intenso com o público/espectadores, o que tornou o espetáculo mais dinâmico para trocas rápidas. Meu corpo naquele momento tornou-se mais atencioso com as cenas, não direcionado para uma tensão muscular, mas mais atento ao que poderia vir a acontecer imprevisivelmente.



Foto: Daniela Alves, 2019

Após relatar, conversar e falar sobre o processo criativo e a circulação do espetáculo *Dois vezes sem*, é pertinente mencionar que concomitantemente, durante o ano de 2019, está sendo realizada por integrantes do grupo uma ação de extensão que acontece por meio de oficinas. Estas têm como base os princípios, metodologias e estudos experimentados durante a montagem e compartilhados nas comunidades e bairros de circulação do espetáculo.

Estar pesquisando na teoria-prática sobre o teatro invasor, tem colocado diversas questões sobre a cidade, como perceber seus diversos fluxos, pessoas com suas histórias, muitas delas caladas, silenciadas, e foi uma questão que nos fez perceber as infinitas possibilidades para construção cênica. É necessário perceber a expansão que esse termo “Teatro de Invasão” tem tomado quando falamos de cidade. Cidade não apenas no sentido arquitetônico, mas dos fluxos e contrafluxos que vamos percebendo e dilatando nossos olhares a determinados acontecimentos do cotidiano.

Referências

CARREIRA, André. **Teatro de rua (Brasil e Argentina nos anos 1980):** uma paixão no asfalto. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

CARREIRA, André. Teatro de Invasão: redefinindo a ordem da cidade. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Espaço e Teatro:** do edifício teatral à cidade como palco. Rio de Janeiro: 7letras, 2008. p. 67-78.

SCHIOCCHET, Michele. Site-specific art? Reflexões a respeito da performance em espaços não tradicionalmente dedicados a esta. **Revista Urdimento**, Florianópolis, nº 17, 2011.